



*Ivã Serpa defendia a autenticidade e não fazia concessões na arte*

## Ivã Serpa morre aos 50 anos vítima de derrame cerebral

Doente desde o carnaval, quando sofreu uma trombose, morreu ontem o artista plástico Ivã Serpa, de 50 anos, vítima de um derrame cerebral. Seu corpo foi velado durante a noite de ontem, e a madrugada de hoje na capela 2 do cemitério São João Batista, onde será sepultado às 13 horas.

Na véspera do sábado de carnaval, quando trabalhava em casa, no Méier, um quadro erótico, Ivã Serpa sofreu uma trombose. O quadro foi recolhido e os conselhos médicos indicaram repouso absoluto. Na noite de anteontem começou a passar mal e às 8 horas de ontem foi levado para o Pronto Socorro, onde vinha se medicando desde a trombose. Morreu ao meio-dia.

### Autêntico

Carloca, nascido em 1923, morador do Méier ("nunca tive preconceitos de lugar e qualquer um é bom"), Ivã Serpa se definia como um autêntico. Não rotulava sua arte nem seu modo de viver. Embora considerado por alguns críticos como o antiartista, Ivã preferia a autenticidade e por isso, ou em função disso, não admitia fazer concessões.

— Nunca fiz nem farei concessões — disse numa entrevista há dois anos. Isto é importante. Sei de antemão quando faço um quadro que não vai agradar ao público. Mas isso pouco me importa. Tenho de agradar a mim.

Fundador há mais de 20 anos do curso de pintura para crianças, cujas aulas vinha dando à tarde no Museu de Arte Moderna, Ivã tinha conceitos próprios sobre este seu trabalho. Para ele as "crianças-problemas" podem ser reajustadas através da pintura e explicava isso através da liberdade de expressão da pintura.

— As cores suaves ou aplicadas levemente sobre o papel revelam uma criança tímida. As formas irregulares e os traços muito acentuados apontam uma criança nervosa. A repetição frequente de temas, como navio, avião e trem, expressam a vontade de fuga — costumava explicar.

### O artista

Em 1947 Ivã Serpa começou a pintar. Ele era professor de Francês que nas horas vagas fazia "os primeiros rabiscos." Depois surgiu o interesse pela arte, até se tornar aluno de Axel Leskcochek, mestre também de Almir Mavignier, Fayga Ostrower, Décio Vieira, Sheila e Aluisio Medeiros. As primeiras pinturas eram paisagens com árvores.

Quatro anos depois, em 1951, Ivã ganhou o Prêmio Jovem Artista Brasileiro na I Bienal de São Paulo. Logo depois, já totalmente integrado no movimento concretista liderado pelo poeta Ferreira Gullar, fundou o Grupo Frente, formado pelos primeiros pintores e artistas concretistas, entre eles Aloísio Carvão, João José, Lígia Pape e Oiticica.

Em 1958 ganhou o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna e viajou pela França, Suíça, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha e Portugal. Fez contatos com vários artistas, inclusive Max Bill, e modificou seus pensamentos sobre a arte, rompendo com o concretismo em 1963 e voltando aos desenhos figurativos.

Sua vida artística marcou presença também nas XXVI e XXVII Bienais de Veneza e nas II, III, IV e VI Bienais de São Paulo, sendo que nesta última recebeu o Prêmio Ardea. Em 1961 ganhou o Prêmio Esol no X Salão Nacional de Arte Moderna e em 1964, com uma exposição de desenhos na Galeria Barcinski, obteve o Prêmio JORNAL DO BRASIL, no 3º Resumo de Arte JB.

### "Fase negra"

Durante 14 anos, até 1964, Ivã Serpa trabalhou no Departamento de Restauração de Livros da Biblioteca Nacional, de onde saiu aposentado. Em seu trabalho com livros velhos conheceu o anóblio — cupim que ataca o papel — que usou em muitos quadros para simbolizar a destruição.

Preocupado com o momento em que vivia, Ivã Serpa teve entre 1963 e 1964 sua melhor fase, considerada a "fase negra", em que desenhava figuras "quase monstros ou piores mesmo", representando os principais problemas do mundo, um deles a guerra do Vietnã. Sobre a necessidade de viver o momento Ivã disse numa entrevista ao JB em 1971:

— Agora o desenho acabou. Não interessa mais. O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenhos, eu faço, se for objeto, eu faço. E tem momentos que tenho vontade de não fazer nada. Sem aflição. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que eles serão traçados. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão forças para outros embates. Não me entrego não. Vou até o final.

Ultimamente Ivã Serpa vinha fazendo seus trabalhos voltado para o erotismo, que, para ele, "é válido quando autêntico; quando deixa de ser, vira pornográfico." Segundo ele próprio, agora estava se aproximando mais de uma consciência total, não só de si como também das coisas e das pessoas. Talvez por isto que, no seu depoimento ano passado, no Museu da Imagem e do Som, ele tenha assustado um de seus entrevistadores, o crítico Jaime Maurício, ao afirmar que sentira pela primeira vez o gosto do azul, assim como lera certa vez num livro de Kandinski.

— Eu pensei tanto no azul que o senti. E' pastoso. Parece dentífrico. Minha meta agora é sentir o vermelho e o verde.

## O apelo interior

**pesquisa**  
**JB**

— É melhor não agradar, mas ser autêntico. Este, o conselho que Ivã Serpa recebeu de Georges Bernanos, ao visitá-lo, no Comitê da França Combatente. Um conselho realmente recebido, porque guardado: Ivã Serpa conheceu a contradição, a controvérsia em torno de suas obras, porque ignorou concessões.

Se abandonou o concretismo, de que foi um dos pioneiros no Brasil, foi por autenticidade: "A fase foi fruto de um equívoco... Pretendemos fazer uma arte altamente técnica num país subdesenvolvido. Deveríamos ter seguido nossa arte botocuda e estariam hoje em melhor situação. Mas faltaram orientadores, faltou lucidez."

A mesma autenticidade ele reclamava das crianças, alunas suas no Museu de Arte Moderna, condicionadas, às vezes, por observações impertinentes dos pais: "Se uma criança pintar um morro azul, ou um cavalo rosa, não se deve dizer que está errado, porque essa expressão é um símbolo. No caso do cavalo cor-de-rosa, o menino de 11 anos que o desenhou estava mais preocupado com a beleza da cor e da forma do que com a realidade."

Em meados da década de 60 Ivã Serpa estava preocupado com o mundo de contradições em que se via, entre engenhos diabólicos de destruição e conquistas científicas. Só havia duas alter-

nativas: ou trabalhar para o mundo da técnica, ou denunciar as contradições. Ele escolheu o homem como tema, o homem que precisava pensar, a fim de encontrar a solução de tantos problemas. Foi a fase das grandes cabeças, pintadas em quadros enormes, feitos menos para serem vendidos do que para serem expostos e vistos.

Num trabalho de pesquisa e evolução lenta, Ivã Serpa se guiou por um único critério: o apelo interior. Garantiu, em depoimento para o Museu da Imagem e do Som, que foi em resposta a um apelo interior que voltou ao óleo e às cores, mais recentemente, depois de uma longa fase dedicada a desenhos em preto e branco.

A obediência decidida ao apelo interior nem sempre mereceu acolhida pacífica por parte do meio-ambiente humano; não é, certamente, uma das grandes regras para vencer na vida. A fase negra de Ivã Serpa lhe valeu a perda de amigos; chocou, porque pintava figuras esqueléticas, rostos deformados pela própria escuridão. Ele a explica: "Vivi momentos de angústia, preocupado com as bombas nucleares, que ameaçavam com o surgimento de novos seres deformados pelas radiações. Minhas figuras são formadas de corpos de homens e mulheres, ordenados de forma absurda, que representavam uma visão que me ocorria sempre. Eu só posso pintar o que sinto."